

A Escola Analógica x A Escola Digital

Um relato de experiência sobre a utilização do *Schoology* nas aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio

Ana Elisa Sobral Caetano da Silva Ferreira

IFSP *campus* Cubatão
anaelisaferreira@ifsp.edu.br

Apresentação da vivência de uma professora de Língua Inglesa de EM no IFSP

O seguinte relato de experiência tem como objetivo apresentar a vivência da docente e de seus alunos no segundo semestre de 2014, interagindo com o Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem (SGA) *Schoology*, refletindo como essa ferramenta pode auxiliar a prática pedagógica em sala de aula e a receptividade do grupo discente confrontando concepções da escola analógica e o discurso sobre a escola digital apoiada em documentos oficiais, como a LDB, que frisam a importância da introdução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em sala de aula.

Palavras chave: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem (SGA), Análise de Discurso

Expectativas sobre um Ensino Médio Técnico

O uso das tecnologias de comunicação e informação tem transformado o trabalho em algo menos sólido. (BRASIL)

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, especialmente no capítulo que trata o Ensino Médio Técnico, destacam a importância da introdução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na escola como uma ponte que liga os saberes escolares ao mercado de trabalho.

Transformações no mundo do trabalho se consolidaram, promovendo uma verdadeira mudança de eixo entre trabalho e educação. A própria natureza do trabalho está passando por profundas alterações, a partir do momento em que o avanço científico e tecnológico, em especial com a mediação da microeletrônica, abalou profundamente as formas tayloristas e fordistas de organização e gestão do trabalho, com reflexos diretos nas formas de organização da própria Educação Profissional e Tecnológica.

A nova realidade do mundo do trabalho, decorrente, sobretudo, da substituição da base eletromecânica pela base microeletrônica, passou a exigir da Educação Profissional que propicie ao trabalhador o desenvolvimento de conhecimentos, saberes e competências profissionais complexos. (BRASIL, 2013, p. 206)

Pensando em como integrar as TDIC com a realidade de meus alunos, procurei uma alternativa que os conectasse ao mundo digital e que também me auxiliasse na sistematização da avaliação contínua para que o processo de aprendizagem ficasse mais perceptível. Nessa busca me deparei com alguns Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem que permitiam uma interação mais próxima entre docentes, discentes e seus familiares.

Acabei por adotar um Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem (SGA) específico, *Schoology*, pois essa plataforma, além de apresentar diversas possibilidades de construção de atividades, também oferece um gráfico individual da evolução de cada aluno, que facilita a opção de avaliação contínua, apontada como uma possibilidade dentro das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.

Quando adotei esse modo de avaliação, que acreditei ser mais eficiente para medir o desenvolvimento de cada aluno, acreditava que o corpo discente acolheria essa escolha, pois não precisariam trabalhar com o sistema de avaliação tradicional. Entretanto, a grande surpresa foi me deparar com um conceito ainda muito arraigado na concepção analógica do que é aprender na escola.

Ao acreditar que “[...] as TDIC propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício de coautoria de professores e alunos” (Almeida e Valente, 2012, p.45), descartei a necessidade, ainda presente e reforçada pela estabilização parafrástica das práticas que são concebidas como evidentes (aqui o uso de evidente dá-se na concepção de *formação ideológica* de Pêcheux, 1995) dentro do imaginário

do que é a avaliação escolar.

Essa constatação, do imaginário da avaliação escolar, proporcionou algumas hipóteses para reflexão como:

- a) Os alunos, habituados a testes analógicos, desde que ingressaram na escola, não compreendem o conceito de avaliação contínua, por isso dependem de uma avaliação pontual para medir os “saberes” apreendidos até determinado ponto.
- b) A avaliação contínua demanda mais empenho individual de cada aluno, que é avaliado também pela frequência em aula e não somente por momentos denominados avaliativos.
- c) A prática da avaliação no papel pode facilitar a consulta em outros meios, também conhecidos como *cola*, sendo que a possibilidade de *randomizar* as perguntas no computador inibe tal prática.

Outras hipóteses também foram consideradas durante a apuração dos dados, que serão apontados na pesquisa detalhada abaixo, porém a questão que mais se destacou foi: A escola tecnológica ainda hoje é analógica?

Esse é um problema sério que aponta o antagonismo do discurso oficial, aqui lê-se LDB, e a prática dentro da sala de aula.

Possíveis interpretações dos dados

Os números¹ apresentados nesse estudo foram colhidos com turmas do Ensino Médio, primeiros e terceiros anos, e evidenciam a necessidade do contato professor/aluno em sala de aula, no seu conceito mais tradicional, como apontado na seguinte ilustração, que se baseia no conceito Orlandi (2009) segundo o jogo parafrástico para cristalização de sentido do aprender na escola:



Figura 1– Exemplo de cristalização do jogo parafrástico do fazer escolar

Dos 77 alunos que participaram dessa pesquisa, 63,4% acreditam que a ferramenta adotada é uma alternativa complementar às aulas tradicionais, porém não a substituem. 52% dos alunos que utilizaram o *Schoology* como ferramenta de gerenciamento de aprendizagem, acreditam que ele é uma plataforma muito benéfica para o processo de aprendizagem e 77%

¹ Apresentados em forma de Pôster *A plataforma Schoology como ferramenta nas aulas de Língua Inglesa* no III Fórum

deles gostaria de reutilizá-la, entretanto 49% afirmaram que o grau de dificuldade de interação com a plataforma é médio.

Apesar desse SGA apresentar grande familiaridade com a Rede Social Virtual (RSV) mais difundida na atualidade, *Facebook*, os alunos ainda não a entendem como uma ferramenta de aprendizado.

Como apontado na figura 1, muitos alunos acreditam que os principais instrumentos para o aprendizado na escola ainda são o livro, caderno e caneta. Poucos reconhecem aparatos móveis, como celulares e tablets como possíveis ferramentas de aprendizagem dentro da sala de aula. Uma hipótese que explicaria essa associação é que muitos deles veem esses aparatos como fonte de diversão, com jogos e comunicação entre seus amigos, nas redes sociais.

A questão aqui proposta é como trabalhar essa memória coletiva (ORLANDI 2009) e considerar os possíveis deslizes metafóricos que são oferecidos pelas TDIC, na formação ideológica de Pêcheux “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e o que deve ser dito*.” (PÊCHEUX, 1995, P.160). Por meio desses deslizes poderíamos redefinir *o que pode e deve ser dito* sobre a prática de avaliação escolar?

O antagonismo desse discurso se dá, principalmente porque existe uma sobreposição da paráfrase e da metáfora nos dizeres oficiais diante às práticas em sala de aula. Um exemplo dessa sobreposição é o uso do aparelho celular e outros dispositivos móveis que estão presente na escola, e apesar de esforços como a lei n.º 12.730, de 2007², do Estado de São Paulo, é improvável que esses aparatos sejam realmente barrados, portanto a discussão sobre como adaptá-los de uma maneira que auxilie na aprendizagem é essencial.

Referências

ALMEIDA, Maria E. B. de Almeida e VALENTE, José Armando Valente. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**. São Paulo, v. 12, n. 3, p. 57- 82, Set/Dez. 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos**. 8. Ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à Afirmação do Óbvio. Tradução Eni p. Orlandi. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

SÃO PAULO, Lei n.º 12.730, de 11 de outubro de 2007. **Diário Oficial Estado de São Paulo**, Poder Executivo, São Paulo, SP, 12 out . 2007. Seção I, Volume 117, n. 194.

SCHOOLGY. Disponível em <www.schoolgy.com>. Acesso em: 12 fev. 2015.

² Lei que proíbe o uso do equipamento nos estabelecimentos de ensino do Estado durante o horário de aula